

Resumo: As muitas transformações pelas quais passa a paróquia como modelo de organização da Igreja, exige um repensamento que a favoreça como lugar da experiência comunitária dos cristãos católicos. Isso exige avaliar a estrutura paroquial em sua história, organização concreta e finalidades. Urge resgatar e revitalizar a paróquia como lugar da vida eclesial, da experiência comunitária dos fiéis, da pregação do Evangelho. Para tal, é fundamental uma readequação dos elementos institucionais da paróquia ao contexto social e religioso dos nossos tempos, de modo a possibilitar à paróquia continuar sendo lugar de referência para a vivência da fé.

Abstract: As a result of many transformations happening in the parish as a model of Church organization, it is no surprise that new thought patterns have to be taken into account in order to face up with the demands for improvement of all sorts of community experience of Catholics. This requires an evaluation of the parochial structures in the course of history, especially its organization and objectives. Above all the parish has to be endowed with new life in order to fulfill its role as source of vitality in ecclesial performance affecting the sense of belonging of the faithful to a community and its relationship with Jesus Christ, preaching the Gospel. The need for a more adequate scaffolding for the institutions of the parish in the present time there are stringent procedures to be attended affecting both the social and religious context, so that the parish may continue to have its functional relevance in the faith community of the Church and its role in spreading Christian culture throughout the world.

A revitalização das paróquias

*Pe. Edson Oriolo**

* O autor é presbítero da Arquidiocese de Pouso Alegre, MG. Mestre em Filosofia Social, Especialista em Marketing, Pós Graduado em Gestão de Pessoas, Pós Graduação em Aristóteles, Professor na Faculdade Arautos do Evangelho, em Caieiras, SP, no Instituto Filosófico Aristotélico Tomista (IFAT) e no Instituto Teológico São Tomás de Aquino (ITTA), Caieiras, SP.



Nestes últimos anos, a instituição paróquia tem passado por grandes transformações no desempenho da missão e da administração. É uma instituição eclesial antiga e atual¹, que devemos valorizar. Acredito que são inúmeros os termos para referir neste artigo sobre “paróquia”. A reestruturação, a reorganização, o reajustamento, a reforma, a renovação, a reorientação, a revitalização etc... Achei por bem intitulá-lo como a revitalização das paróquias.

O artigo surge como proposta para ajudar a resgatar e revitalizar as paróquias. É uma luz para o cristão escutar a Boa Nova, celebrar a fé, dar sua resposta participativa e se alimentar no mistério da unidade, a Eucaristia. A intenção é valorizar, possibilitar e abrir caminhos para a instituição paroquial se adequar ao contexto histórico. É um incentivo para se criar novas estruturas pastorais e administrativas, a fim de que a paróquia seja “uma determinada comunidade de fiéis, sob o cuidado pastoral do pároco como seu pastor próprio, em união com o bispo diocesano” (cf. Cân. 515 & 1).² O artigo quer colaborar no esforço para que a paróquia seja lugar de visibilidade da Igreja, não ficando indiferente ao mundo em mudança.³

A Igreja tem a missão de evangelizar. Desde seu início, a Igreja sabe da necessidade de anunciar a Boa Nova, segundo a ordem de Jesus: “*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda Criatura*” (Mc 16,15). A Igreja sempre se preocupou em responder a esta nobilíssima vocação de ser portadora da Boa Nova e de ser sacramento universal de salvação (cf. LG 48). Para tanto, no decorrer do tempo, criou estruturas, e a paróquia é uma delas.

No início da era cristã, o Império Romano abrangia grandes metrópoles como Roma, Alexandria e Antioquia da Síria, ligadas entre si pelas vias romanas. Com a expansão do cristianismo, em Roma e Alexandria, os presbíteros começaram a presidir assembleias cristãs, dispersas pelas cidades, mas as grandes celebrações do batismo e da

¹ “A antiga e venerada estrutura da paróquia tem uma missão imprescindível e de grande atualidade: iniciar e congregar o povo na normal expressão da vida litúrgica; conservar e reavivar a fé das pessoas de hoje; oferecer-lhes a doutrina Salvadora de Cristo; realizar pelo coração e pela prática da caridade as obras boas e fraternas” (cf. PAULO VI, discurso ao clero de Roma, de 24 de junho de 1963).

² O Código de Direito Canônico consagra às “paróquias, párocos e vigários paroquiais” o Cap. VI do título III Secção II, livro II, num total de 38 cânones (512-552).

³ A Paróquia representa, de alguma maneira, a Igreja visível espalhada por toda a terra (SC 42).



eucaristia eram reservadas aos bispos⁴. A Igreja, sob a presidência do bispo com seus presbíteros e diáconos, desenvolveu-se até o século V com base nas comunidades estabelecidas nas cidades.

Com a queda o Império Romano, as cidades perderam a importância e houve o predomínio rural, acarretando enorme perturbação na organização da Igreja. Surgiram vários lugares de culto, espalhados pelos campos, e foi implementado o sistema paroquial, no qual o bispo concedia ao pároco poderes para celebrar localmente a eucaristia nas festas mais solenes⁵. Assim sendo, a partir do século VI, multiplicam-se as Igrejas rurais menores, isto é, as paróquias, à frente das quais estava um presbítero diocesano ou presbítero paroquiato, que imitava toda ação do bispo para responder às necessidades dos fiéis.

Mais, tarde, surgem vários movimentos dissidentes ou heréticos (Valdenses, Cátaros etc.), fazendo com que a paróquia se afirmasse como lugar de controle dos fiéis. Com a obrigação imposta aos fiéis de se confessarem ao seu pároco ao menos uma vez por ano e de comungarem pela Páscoa na sua Paróquia (cf. Concílio de Latrão IV, 1205), conclui-se uma evolução secular. Com esta medida fica reforçada a função de controle social da paróquia, função retomada e ainda mais valorizada pelo Concílio de Trento e pelos subseqüentes movimentos de reforma.⁶

Segundo o Concílio de Trento, a paróquia era um território demarcado, com um pároco, em nome do bispo, residindo nele. Havia uma estreita ligação do pároco com os fiéis e a obrigação de conhecer as ovelhas. Foi com Trento que surgiram os “livros das almas” e os registros paroquiais que se conhecem e fazem comunidade⁷. Eles deram credibilidade à instituição paróquia. Com a Renascença, a Reforma Protestante e os Sínodos dos séculos XVII e XVIII, foi-se estruturando o sistema paroquial. A preocupação maior recaía mais sobre a boa organização, registros, contabilidade e festas populares do que sobre a santidade manifestada no testemunho cristão da consciência e obrigação missionária da Igreja Católica⁸.

⁴ Cf. Canônica, Lusitânia, A Paróquia Comunidade de Fiéis, pp. 35-36

⁵ Id. Cf. pp. 37- 42.

⁶ BORRAS, Alphonse e ROUTHIER, Gilles, A NOVA PAROQUIA, Gráfica Coimbra, p. 22.

⁷ BORRAS, Alphonse e ROUTHIER, Gilles, A NOVA PAROQUIA, Gráfica Coimbra, pp. 40-41.

⁸ Id. Cf. pp. 42-49.



Os documentos do Concílio Vaticano II vieram modificar, ou melhor, corrigir o modelo de paróquia adotado por Trento, cinco séculos antes, e apresentar uma relação calorosa entre os fiéis que se conhecem e fazem comunidade.⁹ Eles deram credibilidade à instituição “paróquia”. É bom lembrar que o Concílio, mesmo não tendo dedicado um documento ou capítulo à instituição paróquia, a reforma pastoral provocada por ele teve repercussões profundas na vida e constituição desta instituição.¹⁰

O método indutivo, aplicado pelo Vaticano II à própria Igreja e à sua missão no mundo, permite considerar a paróquia como um grupo humano de crentes, estabelecido num lugar, com determinadas relações e implicações sociais.¹¹ Toda a literatura sobre a paróquia, a partir de 1965, embora não anunciasse simplesmente o seu desaparecimento, preconizava, se não a abolição do princípio territorial, ao menos a revisão da ideia de paróquia, que deveria criar-se a partir da junção de pequenos grupos afins constituídos na base de relações de proximidade. Sobre esses alicerces seriam edificadas verdadeiras “comunidades cristãs”.¹²

O Concílio Vaticano II definiu a paróquia como “célula da diocese” (cf. AA 10c) e ainda, segundo o mesmo, “as paróquias representam a Igreja visível estabelecida em toda a terra com o propósito de que floresça o sentido comunitário paroquial (cf. SC 42). A Constituição sobre a liturgia deu à paróquia um quadro eclesiológico imprescindível, ao afirmar que, como não é possível ao bispo, sempre e em todas as partes, presidir pessoalmente na sua Igreja a toda a grei, deve, por necessidade, erigir diversas comunidades de fiéis. Entre elas sobressaem as paróquias, entregues localmente a um pastor que faz as vezes do bispo, já que de alguma maneira representam a Igreja visível estabelecida em toda a terra.¹³ O Vaticano II descreve a paróquia de modo análogo ao da Igreja local, com a diferença de que esta é a Igreja ou nela reside a Igreja, enquanto que a paróquia realiza a Igreja diocesana parcialmente e na dependência da referida Igreja local.

⁹ BORRAS, Alphonse e ROUTHIER, Gilles, A NOVA PARÓQUIA, Gráfica Coimbra, pp. 40-41.

¹⁰ FLORISTÁN, Casiano, “Para Compreender a Paróquia”, p. 51.

¹¹ Id., *Ibid.*

¹² BORRAS, Alphonse e ROUTHIER, Gilles, A NOVA PARÓQUIA, Gráfica Coimbra, p. 43.

¹³ SC 42. Podemos citar quatro textos conciliares relativos à paróquia: LG 28; PO 5,6 e 8 e AA 10.



As noções teológico-canônicas mais significativas de paróquia são dadas pelo Concílio Vaticano II, à luz da tradição e da doutrina católica, baseadas na eclesiologia de comunhão e traduzidas, depois, em leis pelo Código de Direito Canônico.¹⁴ Segundo o Código de 1983, “a paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída de modo estável na Igreja particular, cujo cuidado pastoral, sob a autoridade do bispo diocesano, se entrega a um pároco, como pastor próprio” (cf. Cân 515 &1).

Dão-se, agora, relevo a quatro critérios: a paróquia representa a Igreja universal; é uma parte da Igreja diocesana; é uma comunidade de fiéis; e desenvolve uma ação pastoral básica.

a) Representa a Igreja Universal

O Vaticano II afirmou com clareza que a paróquia representa, de alguma maneira, a Igreja visível espalhada por toda a terra (cf. SC 42) e que reduz à unidade todas as diversidades humanas que nela se encontram, inserindo-as na universalidade da Igreja (cf. AA 10b).

A paróquia é a Igreja, localmente implantada, na sua catolicidade essencial. É a realização concreta da Igreja num determinado lugar.

b) É uma parte da Igreja Diocesana

A paróquia é, de fato, uma parte da diocese, em virtude do princípio da territorialidade. A Igreja local não é uma parte da Igreja universal, mas uma porção, isto é, a realização da Igreja do Senhor num determinado lugar.

O novo Código tem em conta a teologia da Igreja local ao afirmar, com o Concílio (cf. CD, 11a), que a diocese é uma porção do povo de Deus cujo cuidado pastoral se entrega ao bispo, com a colaboração do presbitério, de maneira que, unida ao seu pastor e congregada por ele no Espírito, mediante o evangelho e a eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está presente e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica (cf. Cân 369).

¹⁴ Presbítero Pastor e Guia da Comunidade Paroquial, 18.



c) É uma comunidade de fiéis

De acordo com a eclesiologia da comunhão, a paróquia é congregação de fiéis (cf. LG, 28), confiada a um presbítero que representa o bispo (cf. PO, 5). É comunidade de fiéis, ainda que não única, mas organizada na base do povo. Teologicamente falando, os fiéis que a compõem são a Igreja: contribuem para a sua missão neste lugar.

O pároco não faz tudo, mas vela para que tudo se faça: é, pois, consignada uma oportunidade importante, quer para a renovação do ministério presbiteral, quer para a aprendizagem da colaboração pastoral da parte dos fiéis que tiverem as qualidades requeridas para tal.

d) Desenvolve uma ação pastoral básica

A paróquia é sinal visível da Igreja universal (cf. AA 10) quando vivencia a profecia (Espírito Santo), a diaconia (evangelho), a liturgia (eucaristia) e o serviço (ministérios). Segundo o decreto *Apostolicam Actuositatem*, a paróquia oferece um modelo claríssimo de apostolado comunitário, porque reduz à unidade todas as diversidades humanas e insere-se na universalidade da Igreja (cf. AA 10b). Historicamente, a estrutura paroquial foi ganhando forças principalmente com os padres conciliares no Vaticano II, que analisaram a evolução do sistema paroquial como uma condição histórica do cumprimento do mandato de Jesus. Basta percorrermos os documentos conciliares, o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica¹⁵.

Porém, nos tempos subseqüentes, pela década de 70 e 90, por conta do progresso e da urbanização, a instituição paroquial passou a ser objeto de grandes interrogações e reflexões. Poderíamos dizê-la uma instituição “vetusta”, no sentido de antiquada? Ao longo da segunda metade da década de sessenta, as maiores reparações dizem respeito ao reajustamento do espaço litúrgico, para adaptá-lo às orientações da reforma litúrgica na vida paroquial. Depois, na segunda metade da década de setenta, o acento é posto, com toda a evidência, na instalação de escritórios e secretarias. Finalmente, por volta dos anos oitenta, prossegue a mesma tendência,

¹⁵ SC 24 e 42, LG 20 e 26, CD 28-32, 35, 44, OT 2, 22, AA 10, 26, 30, AG 37, PO 19-22. CDC cânones 374§1, 515-552, 1740-1752 e ainda 89, 107, 233, 510&2, 757, 776, 800, 833, 877, 911, 958, 968, 1079, 1110, 1272. CIC 2579 e 2226.



acrescentando-se-lhe a instalação de salas de reunião e para a prestação dos diferentes serviços: encontros, reuniões das comissões etc...¹⁶

A área da paróquia estreita-se e converte-se cada vez mais num espaço para serviços religiosos especializados: sacramentos e educação da fé. Assim, a compra do mobiliário necessário para os escritórios e salas de reunião, supera em muito todo o resto, inclusive a aquisição de bens relacionados com a função litúrgica da paróquia. Os gastos do ítem papelaria e despesas de secretaria sofrem um aumento constante, sobretudo a partir dos anos oitenta.

O documento *Catechesi Tradendae*, fruto do Sínodo de 1977 sobre catequese, afirmou: “A paróquia foi profundamente abalada pelo fenómeno da urbanização. Alguns chegaram mesmo a admitir com demasiada facilidade que a paróquia estava ultrapassada, se não mesmo votada ao desaparecimento, em favor de pequenas comunidades mais adaptadas e mais eficazes”¹⁷. De fato, o mundo urbano nos apresenta novas questões e pede novas respostas. Não podemos descansar num cristianismo tradicional, baseado em ritos e tradições culturais. Temos que ser visionários em relação à instituição paroquial.

Foi a partir da década de 80, que a instituição paroquial ganhou maior renovação na linha eclesiológica, sendo progressivamente reconhecida e revalorizada. No final do ano de 1988, na exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo, o papa João Paulo II afirmou que as paróquias vivem numa fase nova e prometedora: “A paróquia não é uma estrutura, um território, um edifício, mas é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade; é uma casa de família, fraterna e acolhedora, a comunidade dos fieis”¹⁸.

Com efeito, cada paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois ela é uma comunidade eucarística. Isso significa que ela é uma comunidade idônea para celebrar a Eucaristia, na qual se situam a raiz viva do seu edificar-se e o vínculo sacramental do seu estar em plena comunhão com toda a Igreja. Essa idoneidade mergulha no fato de a paróquia ser uma comunidade de fé e uma comunidade orgânica, isto é, constituída pelos ministros ordenados e pelos outros cristãos, na

¹⁶ BORRAS, Alphonse e ROUTHIER, Gilles, A NOVA PARÓQUIA, Gráfica Coimbra, p. 61.

¹⁷ *Catechesi Tradendae*, 67.

¹⁸ *Christifideles Laici*, 26.



qual o pároco, que representa o bispo diocesano, é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular¹⁹.

Com o passar do tempo e, recentemente, com os processos de urbanização, rurbanização e conurbanização, a estrutura paroquial ainda continua objeto de discussão e questionamento. O âmbito desse questionamento é muito variado: uns comentam a abolição desse modelo, pois o consideram sem perspectiva; alguns dizem que é algo medieval e rural e outros afirmam, ainda, que é uma realidade totalmente voltada para si mesma, uma instituição eclesial que ignora o crescimento e desenvolvimento do mundo. De fato, o surgimento da civilização urbana transforma os modos de viver, as estruturas habituais da existência e os relacionamentos na família, na vizinhança, modificando os próprios moldes da comunidade eclesial.

Alguns caminhos, pistas, balizas para revitalização das Paróquias, são a compreensão da paróquia enquanto instituição insubstituível e grandeza teológica, bem como as noções de paróquia evangelizadora e de setorização paroquial:

A) Paróquia: instituição insubstituível

Na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, de 16 de outubro de 1979, o papa João Paulo II afirmou: “A paróquia foi profundamente abalada pelo fenômeno da urbanização. Alguns chegaram mesmo a admitir com demasiada facilidade, que a paróquia estava ultrapassada, se não mesmo votada ao desaparecimento, em favor de pequenas comunidades mais adaptadas e eficazes. Quer se queira quer não, a paróquia continua a ser ponto de referência importante para o povo cristão, a até mesmo para os não praticantes” (n. 67).

Atualmente, a instituição paróquia sofre com tantas mudanças culturais, principalmente com o avanço vertiginoso e desordenado da urbanização e da rurbanização. Mesmo assim, a paróquia constitui uma instituição insubstituível. Ela continua sendo o lugar privilegiado onde a maioria dos fiéis busca fazer uma experiência concreta de Cristo, na verdadeira comunhão eclesial.

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial, 14.08.2002, pág. 18.



Desde o século IV, a instituição paróquia sempre foi uma estrutura eclesial a que o povo cristão teve mais acesso para viver sua experiência cristã. Mesmo sabendo que as paróquias, nos séculos XIV e XV, tinham um baixo nível espiritual, o Concílio de Trento, em 1563, sancionou o estatuto jurídico da paróquia considerada como órgão principal da pastoral, com o decreto *De reformatione*, sessão XIV. Decidiu que cada *populus* (conjunto de pessoas residentes num determinado lugar) constituísse uma paróquia e que tivesse um pastor para conhecer suas ovelhas, residindo no território e cuidando do ministério da palavra e dos sacramentos. A paróquia tridentina estava, pois, baseada na autoridade sagrada do pároco, na celebração da Palavra, dos sacramentos e no cuidado do povo.

Nos dias de hoje, pela realidade que nos cerca, sabemos que a estrutura paroquial não corresponde aos desafios da missão, sobretudo, neste mundo em “mudança de época”. A estrutura eclesial não pode parar na paróquia, sobretudo, na paróquia tradicional avessa à renovação. Frente a esta sociedade em mudança, a instituição paróquia tem que desenvolver projetos missionários que atendam às reais possibilidades dos fenômenos da urbanização, rurbanização, da evangelização e missão profética da Igreja.

A paróquia deve prestar uma contribuição relevante em nível de relacionamento humano. De fato, a paróquia é a última localização da Igreja. Em certo sentido, é a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas, com a missão de ser “uma casa de família, fraterna e acolhedora” (CFL, 26). Assim sendo, a instituição paroquial tradicional é concebida para ter continuidade, ser receptiva a mudanças e com possibilidade de efetuar diálogo com a sociedade moderna, mesmo fazendo memória do pensamento do papa Clemente I (ano 88 e 97) quando afirmou: “A Igreja tem consciência da necessidade de pensar a evangelização, mas tem dificuldade de encontrar caminhos para a ação”.

A conferência de Santo Domingo (1992) abriu horizontes ao afirmar que “a nova evangelização exige conversão pastoral” (n. 30), e o documento de Aparecida veio dar mais um passo importante no caminho da Igreja Latino-americana, com a questão da “conversão pastoral”. Assim, a instituição paróquia requer conversão pastoral. Uma verdadeira comunidade, onde a Palavra e Eucaristia levem à verdadeira experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo.



A paróquia como instituição exige transformações radicais: a profunda conversão pastoral e missionária de nossas comunidades, de que fala o Documento de Aparecida, n. 384, como que recolhendo clamores, aspirações e indicações que vêm de toda parte. Destarte, a paróquia, como suporte institucional no contexto atual, só será insubstituível quando aprender, com a história do magistério ordinário e extraordinário, a saber se renovar a tempo e assimilar, sem ingenuidades ou falsos preconceitos, os valores seculares condizentes com o Evangelho que ela tantas vezes apregoa e aprecia.

Para isso tornar-se realidade, o papa Bento XVI nos ensina: “[...] uma das tarefas da paróquia é a hospitalidade, para quantos não conhecem esta vida típica da comunidade paroquial. Não devemos ser um círculo fechado em nós mesmos. Temos os nossos costumes, mas devemos abrir-nos e procurar criar também vestibulos, ou seja, espaços de aproximação. Devemos procurar criar, com a ajuda da Palavra, aquilo que a Igreja antiga criou para os catecúmenos: espaços pelos quais a Palavra se torna compreensível e realista, correspondente às formas da experiência real” (Discurso de Bento XVI, 26 de fevereiro de 2009).

B) Paróquia: grandeza teológica

João XXIII foi o papa do *aggiornamento*, isto é, da atualização, da revisão e da modernização da Igreja. Iluminado pelo Espírito Santo, fonte de luz e renovação, fez a Igreja sacudir a poeira de séculos. O papa do “novo pentecostes” teve uma formação piedosa, sólida, no estilo de paróquia rural. Era afável, bondoso e, quando morreu, ficou conhecido como “João o Bom, o Bondoso” por causa de sua pessoa e de seu apostolado.

Em seu breve pontificado, deixou-nos muitas intuições, principalmente quando disse: “***A paróquia é como que a fonte da aldeia à qual todos acorrem para matar a sede***”. Com esta máxima podemos transcender a instituição paroquial, da dimensão de realidade jurídica para a dimensão de mistério, ou melhor, a paróquia, uma grandeza teológica onde a Eucaristia é a verdadeira fonte.

A paróquia, à luz da teologia eucarística, faz da celebração da eucaristia fonte e referência de todas as atividades sacramentais, pastorais, caritativas... O próprio Código de Direito Canônico nos ajuda a entender que é “pela eucaristia, continuamente, que vive e cresce a Igreja” e que, por ela, “é significada e se realiza a unidade do povo de Deus e



se completa a construção do Corpo de Cristo” (Cân. 897). Portanto, “o sacrifício eucarístico, memorial da morte e ressurreição do Senhor, no qual se perpetua pelos séculos o sacrifício da cruz, é o ápice e a fonte de todo o culto e da vida cristã” (Cân. 897).

Na sociedade que liquefaz as instituições, é um desafio reavivar o valor da paróquia entre os demais desafios de nossa época. O fato de vivermos em um mundo globalizado significa que não sós os limites geográficos se desfazem. As transformações atingem os setores da vida humana, de modo que já não vivemos “uma época de mudança, mas uma mudança de época”. O que era certeza se mostra insuficiente para responder a situações novas (cf. DGAE 2011-2015,19).

Nesse contexto, na celebração eucarística, o povo de Deus se reúne sob a presidência de um ministro qualificado e legitimamente autorizado (Cf. Cân 899,§2), para celebrar a memória sacramental d’Aquele que quer ser reconhecido presente em cada irmão e em cada irmã (Mt 18,20; Mt 25,40) e que clama: ABBA! Pai! (Gl 4,6)

A partir dessas considerações, podemos entender que a essência da paróquia como fonte de vivência cristã só vai ser entendida quando o mistério eucarístico for o alimento para o nosso caminhar peregrino neste mundo. A paróquia, nesse sentido, é uma realidade dinâmica e viva, cuja transformação visa ser realmente o espaço onde o fiel possa alimentar-se do mistério de Jesus Cristo celebrado eclesialmente.

Assim, a missão do pároco consiste em fazer com que a celebração da Eucaristia se torne o elemento central da vida eclesial dos fieis (Cf. Cân. 5280), de sorte que tenham energia para irradiar o seu sentido de ação de graças em todos os momentos de suas vidas. Pois, o antigo “*Ite, missa est*” insinuava, e podemos dizer: “Ide, a missa continua”, isto é, agora é vossa a missão!

A Eucaristia vai aos poucos apontando horizontes novos para que a paróquia não fique apenas no aspecto territorial, mas vivencie seu autêntico caráter de assembléia eucarística. Finalmente, a paróquia realizará seu indispensável papel institucional, não como uma instância burocrática de prestação de serviços religiosos, mas como um organismo vivo, se souber estabelecer uma ligação simbiótica com as comunidades locais e destas com ela, bem como com os movimentos e as associações, respeitando e promovendo a sua legítima autonomia.



C) A paróquia evangelizadora

A Igreja tem a missão de evangelizar. Desde seu início, a Comunidade dos discípulos soube ser chamada a anunciar a boa-nova, segundo a ordem de Jesus: “*Ide por todo o mundo, proclamai o evangelho a toda a criatura*” (Mc 16,15). A Igreja de todos os tempos se preocupou em compreender esta sua vocação e responder a ela. O Vaticano II sintetiza essa consciência ao afirmar que a comunidade eclesial é portadora da boa-nova e é sacramento universal de salvação (cf. LG, 48).

Hoje, cada vez mais, tem-se a consciência de que a evangelização faz parte constitutiva da instituição paroquial. Já então, o Sínodo dos Bispos sobre os leigos (1987), pedia que as paróquias fossem verdadeiramente missionárias, no sentido de que anunciassem o evangelho de Jesus Cristo aos não crentes e também aos batizados, para que eles vivessem assiduamente uma vida plenamente cristã, a nível pessoal, familiar e comunitário (cf. Proposição 11). Em setembro de 2010, o papa Bento XVI criou o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização através do *motu proprio*, intitulado *Ubicumque et Semper*. O objetivo desse Conselho, segundo o papa, é que retome o dinamismo da missão de Jesus Cristo e explicita para os nossos dias o sentido e o alcance da nossa missão como Igreja.

São, pois, atribuições deste novo Conselho: aprofundar o significado teológico e pastoral da evangelização nos tempos atuais; dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas a uma evangelização que vá ao encontro dos anseios humanos atuais; estudar e favorecer a utilização das formas de comunicação modernas, pelo seu papel de transformação das relações entre as pessoas; promover o uso do Catecismo da Igreja Católica como roteiro essencial e completo do conteúdo da fé para os homens do nosso tempo.

Nessas atribuições, percebe-se a preocupação eclesial em vivenciar o mandato missionário de Jesus Cristo: anúncio de uma boa nova para o coração inquieto do ser humano atual. Se o anúncio do evangelho é, segundo Paulo VI, a verdadeira identidade da Igreja, o desafio é como tornar esse anúncio fonte de uma experiência de fé transformadora da vida e da convivência humana. Se a evangelização é suscitar a fé, então a paróquia, como espaço de ação evangelizadora, tem que se constituir para os seus membros no tempo e lugar para poderem viver e irradiar a alegre mensagem cristã.



Para tanto, as instâncias paroquiais: anúncio profético, serviço diaconal, celebração litúrgica da fé e comunhão no amor, cada uma a seu modo, expressam a dimensão essencial da Igreja de Jesus Cristo: semear a semente do amor soberano de Deus que quer pessoas comprometidas na sua irradiação para a vida digna de todos os homens. A evangelização na instituição paroquial acontece, portanto, com o serviço de unidade a ser realizado pelo pároco, de forma colegiada, e em nome do bispo. Acontece com o anúncio da palavra de Deus, em sintonia com os ensinamentos da fé. Acontece pela celebração da memória de Jesus Cristo, que vivifica os seus através de gestos sacramentais. Acontece também pela prática fiel das obras de amor misericordioso, que resgatam a dignidade humana (Mt 25,30 ss).

Percebe-se que a ação evangelizadora na vida paroquial será uma realidade, se ali se desenvolver a rede de comunidades cuja interação relacional tem o objetivo de todos se manterem em comum união. A visibilidade disso se dá pelo bom entendimento entre os fiéis paroquianos com o seu pároco, e deste com o seu bispo. Não se trata de falsa harmonia, como se fosse possível viver sem conflitos. Mas, que estes não levem à ruptura e ao contra-testemunho.

A porção do povo de Deus, confiada a um bispo, a que chamamos de diocese, é uma instância colegiada no exercício de governar. É indispensável a cooperação do presbitério que comporta, em sentido amplo, não apenas os ministros ordenados, mas também os demais agentes pastorais. Cada qual tem sua responsabilidade própria. Todos, porém, estão a serviço da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja (cf. CD,11). Nestas nossas considerações vamos focar o papel do bispo e dos sacerdotes como servidores privilegiados da ação evangelizadora. Deles se pede comunhão e que sejam agentes da unidade na caridade (cf. PO, 6).

Portanto, a paróquia é uma comunidade de fiéis confiada pelo bispo diocesano ao pároco e seus colaboradores para que lhe proporcionem os bens da salvação. A ação evangelizadora na comunidade paroquial impõe ao bispo e ao pároco a busca de conhecer os membros de sua comunidade. Esse esforço fomenta o progresso da vida cristã, seja em cada um dos fiéis, seja nas famílias, seja nas associações, principalmente nas que se dedicam ao apostolado, seja na comunidade paroquial inteira (cf. CD, 30).



A ação evangelizadora na vida paroquial requer também o desenvolvimento do ensinamento do evangelho. De acordo com o documento conciliar *Christus Dominus*, que acredito ser a Carta Magna dos responsáveis pelas paróquias, os párocos devem “pregar a Palavra de Deus a todos os fiéis, a fim de que, fundados na fé, esperança e caridade, cresçam em Cristo, e a comunidade cristã dê aquele testemunho de caridade que o Senhor recomendou” (CD, 30). Sem dúvida, a paróquia conta com os meios tradicionais para isso, como a homilia e a catequese. Contudo, é preciso ir além, p. ex., desenvolver uma leitura orante da palavra de Deus, escola da fé, círculos bíblicos, sem esquecer o recurso das redes sociais. Um espaço que está para ser mais bem conhecido e aproveitado.

A ação evangelizadora da vida paroquial se preocupará em desenvolver os meios pelos quais a ação atuante do Espírito santifica os membros da comunidade. Para que a Eucaristia seja o centro e o ponto alto de toda a vida da comunidade cristã, sua celebração deve ser diversificada, segundo o tempo e as circunstâncias concretas. Igualmente os demais sacramentos serão celebrados de forma variada, tendo presente as necessidades concretas dos fiéis. A frequência não pode levar à rotina, nem a variedade à busca de novidade. A vivência sacramental requer um envolvimento consciente e uma afetuosa participação litúrgica (cf. CD, 30). Celebrar bem os sacramentos é servir ao povo de Deus (cf. Mc 9,35). O programa paroquial preverá tempos fortes de oração e de contemplação, pessoal e comunitária.

Sem dúvida, a melhor maneira para a paróquia ser evangelizadora é termos presbíteros cujo discipulado e missionaridade os faça servidores da vida digna e cheios de misericórdia, à luz do que nos ensina o evangelho e que o documento de Aparecida exorta:

a) Padres-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor; dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração;

b) Padres-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com o bispo, com os outros presbíteros, os diáconos, religiosos, religiosas e leigos;

c) Padres-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade;



d) Padres-cheios de misericórdia: disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação, o que, inclusive, foi uma das tônicas do Sínodo para a Nova Evangelização celebrado recentemente, em Roma. (cf. DAp, 190).

D) Setorização Paroquial

O Documento de Aparecida aconselha-nos a setorizar as paróquias, para que haja comunidades de famílias que vivam em comum sua fé cristã e dêem respostas aos problemas que enfrentam, tendo à frente a animação e coordenação de equipes de leigos (cf. DAp. 372; 403; 406; 413; 458; 505; 508; 513-518). Assim, levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é preciso transformá-las em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação, que permitam uma maior proximidade das pessoas e dos grupos que vivem na região. A setorização das paróquias é um modelo de organização pastoral baseado nos moldes das comunidades primitivas, de uma Igreja presente nas casas, que desenvolve a missão a partir da constituição de relacionamentos dos seus membros, vizinhos, companheiros de trabalho ou estudo e familiares.

A respeito das pequenas comunidades eclesiais, o Documento de Aparecida afirma: “Constata-se que nos últimos anos está crescendo a espiritualidade de comunhão e que, com diversas metodologias, não poucos esforços têm sido feitos para levar os leigos a se integrarem em pequenas comunidades eclesiais, que vão mostrando frutos abundantes. Nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para a nova evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo” (DAp. 308)

Os setores na vida da paróquia colaboram para que a ação pastoral, evangelizadora e missionária, faça a passagem de uma pastoral da conservação para uma pastoral da conversão pastoral, renovando a vida das pessoas e as estruturas das comunidades e de todo o corpo eclesial para uma visibilidade maior da Igreja. A paróquia é a Igreja viva e eficaz. Na diocese, devem florescer as paróquias e as comunidades cristãs, como células vivas e pujantes da vida eclesial (cf. SD, 55).

A setorização paroquial contribui para a revitalização da paróquia, fazendo dela “comunidade de comunidades”. Os setores são um lugar privilegiado para uma experiência concreta de Cristo e uma



experiência de comunhão. Os setores “são um ambiente propício para se escutar a Palavra de Deus, para se viver a fraternidade, para se animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé, e para fortalecer o exigente compromisso de termos apóstolos na sociedade de hoje. São os lugares de experiência cristã e evangelização que, em meio à situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja, se fazem muito mais necessários” (DAp. 308).

Assim, a setorização na vida paroquial deve proporcionar o crescimento do relacionamento interpessoal na fé, o aprofundamento da Palavra de Deus, a participação na Eucaristia, a comunhão com os pastores e um maior compromisso social (cf. DAp. 307-310). As pequenas comunidades são a esperança da Igreja (cf. EN, 58). Os setores são um belo modo de ser Igreja: Igreja discípula, Igreja missionária, Igreja nas ruas, nas casas, Igreja Povo de Deus. Não podemos permanecer na sacristia, nem na secretaria paroquial. Temos de ir ao encontro do povo, ir onde o povo está. Os verbos ir, sair, partir, caminhar, tão próprios da atividade missionária, são muito usados no livro dos Atos dos Apóstolos para falar da atividade missionária das primeiras comunidades cristãs.

As paróquias devem se tornar, mediante uma ação renovadora, espaços de iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios. A paróquia “comunidade de comunidades” deve ser o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da Comunhão eclesial. As paróquias são chamadas a ser “casas e escolas de comunhão” (DAp. 170).

Conclusão

“Coisas novas estão surgindo” (Is 43, 19). Estas palavras do profeta Isaías abrem perspectivas para que as paróquias, na sociedade pós-moderna, sejam criativas, operativas, funcionais, organizadas, estratégicas, estabeleçam entre os fiéis um envolvimento diferenciado e possibilitem a experiência concreta do Cristo Ressuscitado. Assim sendo, o profeta Isaías abre horizontes para o novo tempo que precisa ser conquistado. Nosso Deus é aquele que cria caminho onde não existe caminho algum. Ele cria algo novo, uma saída para situações em que não se enxerga mais possibilidade alguma.

No mundo pós-moderno, estamos cansados, estressados por tantas questões vindas do ambiente paroquial em que vivemos ou somos res-



ponsáveis. O risco do *burnout*, síndrome do esgotamento, pode atingir a todos, leigos e ministros ordenados. Esta situação exige que os párocos façam do seu ministério um dom de amor, de entrega, de dedicação e de envolvimento com as pessoas, para que nossas paróquias sejam mais vivas e se destaquem como um sinal do Reino de Deus na vida das comunidades de fé. Precisamos que bispos, sacerdotes e leigos trabalhem juntos para lançar as sementes do Verbo num contexto complexo e que nos traz perplexidades.

Neste tempo, caracterizado como de “mudança de época”, as paróquias devem ser um lugar privilegiado de evangelização, de encontro, de alegria, de conforto, de acolhida, de encorajamento e de expressão da comunhão e participação eclesial; um ambiente propício à reflexão e à escuta orante da Palavra de Deus; um lugar de oração pessoal e comunitária e da vivência dos sacramentos, principalmente da Eucaristia.

Devemos buscar, juntos, caminhos para que nossas paróquias progridam como:

a) espaço de santificação dos seus membros: “Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf. At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade “a fim de que todos os discípulos missionários possam, nos sacramentos, dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para o mundo” (DAP 175).

b) lugar privilegiado onde os fiéis possam fazer a experiência concreta da Igreja diocesana: “A paróquia é a realização concreta da Igreja num determinado lugar. É sinal da Igreja universal” (AA 10).

c) comunidade onde os leigos participam ativa e ardorosamente: As paróquias devem ser: “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas às diversidades de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supraparociais, e às realidades circundantes” (DAP 170).

d) comunidade fiel à missão de anunciar o Evangelho. As paróquias sejam missionárias (cf. DAP 173) e “todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização dos homens e mulheres em cada ambiente” (DAP 171).



Olhando para esses paradigmas, dando-lhes vida e priorizando-os, podemos dizer com o profeta Isaías que “coisas novas estão surgindo” (43,19). Necessitamos investir na organização da missão e da finalidade das paróquias na vida eclesial, para que elas possam se tornar uma prática vantajosa, altamente benéfica que, por sua vez, atesta a necessidade de rever e criar novos ministérios, formando novas funções e idealizando novas tarefas numa sociedade em constante transformação. Assim, certamente, a paróquia contribuirá para a realização de um mundo renovado segundo o projeto de Deus: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

No entanto, a conversão pastoral, na dinâmica da nova evangelização, necessita de uma visão sistêmica (magistério ordinário e extraordinário) sobre a natureza, a finalidade e a missão da Igreja de Jesus Cristo, isto é, identificar o papel e a importância de todas as áreas, ações e atividades da Igreja.

Quanto ao pároco, pelo fato de ser ele o referencial da vida paroquial, é sua a responsabilidade de cuidar das coisas sagradas (santificar) e desempenhar a missão de ensinar e governar o povo de Deus que lhe foi confiado. Para tudo isso, além de agir *in persona Christi*, ele deve entender a dinâmica da liderança. O pároco, como *persona Christi*, é servo, no sentido de que sua existência, ontologicamente configurada com Cristo, adquire uma índole essencialmente relacional: ele vive em Cristo, por Cristo e com Cristo a serviço das pessoas. Ele pertence a Cristo e encontra-se radicalmente a serviço dos irmãos e irmãs. É ministro de sua salvação, nessa progressiva assunção da vontade de Cristo, na oração, no “estar coração a coração” com ele. Esta é a condição imprescindível de cada anúncio, que exige a participação na oferta sacramental da Eucaristia e a obediência dócil à Igreja (cf. Bento XVI, Audiência geral, Praça São Pedro, 24/06/2009).

As paróquias têm um papel fundamental na evangelização e precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos e missionários de Jesus, sendo os seus responsáveis verdadeiros líderes *in persona Christi* (cf. DGAE 2008-2010, 154 e DGAE 2011-2015, 57). Destarte, o pároco com convicções fortes, objetivos claros e bem definidos, deve ser capaz de recrutar leigos e leigas para participarem de pastorais e movimentos, somando forças na construção da Igreja do Senhor.

Os párocos devem ser líderes *in persona Christi* nos seguintes aspectos: espiritualidade, autoridade, conhecimento e personalidade.



O pároco líder deve ser capaz de conquistar respeito para si próprio como pessoa, por ser homem de Deus, de oração, da cruz, do amor sem limite, do evangelho, da Eucaristia, da esperança, do discernimento e das vocações.

Referências bibliográficas

BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles. **A nova paróquia**. Tradução de Margarida Maria Osório Gonçalves. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2010.

CELAM. **Documento de Aparecida**. 2. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II: constituição, decretos, declarações**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial**. 14 agosto 2002.

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL – 2011-2015.

FLORISTÁN, Casiano; SIMÕES, Idalino. **Para Compreender a Paróquia**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.

FUENTE, E. Bueno de la; PÉREZ, R. Calvo. **La Iglesia Local**. Madrid: Ed. San Pablo, 2000.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

IGREJA CATOLICA. **Código de Direito Canônico**. Trad. Oficial da CNBB, com notas e comentários de Jesus Hortal, sj. São Paulo: Loyola, 1983.

JOÃO PAULO II. **Ecclesia in America**. 22 fev. 1999.

MAESTRO, Jesús Alvarez. **La Nueva Parroquia Evangelizadora. Renovación interior y creatividad pastoral**. Madrid: Edibesa, 2012.

Revista Vida Pastoral, n. 278, Maio e Junho de 2011, pp. 5 a 7, sob o título: “A Revitalização da Paróquia”.



Revista Eclesiástica Brasileira (REB), n. 282, Abril de 2011, pp. 426 a 438, sob o título: “ Identidade Presbiteral: Estatuto Social do Sacerdote”.

REB, n. 287, Julho de 2012, pp. 688 a 710, sob o título: “ A Revitalização da Paróquia”.

REB, n. 289, Janeiro de 2013, pp. 181 a 200, sob o título: “Paróquia – lugar de transmissão da fé”.

ROCHA, Georgino. **Paróquia e unidades pastorais**. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2010.